

Folclore e identidade nacional na modernidade pelo olhar de Mário de Andrade

MONIQUE MENDES SILVA BATISTA*¹

Em artigo escrito para a Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, em 1946, intitulado *Mário de Andrade e o folclore brasileiro*, Florestan Fernandes realiza um balanço das principais contribuições do intelectual em pensar a cultura folclórica como elemento fundamental de uma identidade nacional compartilhada pelo brasileiro como um todo. Embora Mário de Andrade tenha se dedicado com afinco à tarefa de coleta, registro e sistematização da cultura folclórica, em 1946, ano em que o ensaio foi escrito, ainda não havia nenhuma obra sistemática quanto à contribuição do autor para o folclore brasileiro. Contudo, Fernandes já previa que a contribuição folclórica de Mário de Andrade poderia ser comparada à de Luciano Gallet, Renato de Almeida, Oneida Alvarenga, entre tanto outros nomes da consolidação do folclore nacional. Para o autor, a importância de Mário de Andrade no folclore não se refere somente aos estudos do folclore musical, infantil, negro, e da escatologia popular, mas também por seu papel como pesquisador e investigador de campo e como orientador de novos pesquisadores do ramo.

O que era dito da importância de Mário de Andrade aos estudos folclóricos na década de 1940 eram apenas chavões, como algo que foi registrado em um manual de história e literatura de 1939, que descrevia Mário como “folclorista de rara capacidade interpretativa que dedicou-se sobretudo ao estudo das danças e dos cantos do norte do país” (FERNANDES, 1946: 143). Florestan Fernandes destaca que o folclore é um dos aspectos mais importantes na obra de Mário de Andrade, pois domina seu lado de poeta, contista, romancista, crítico e ensaísta e é também seu campo predileto de pesquisas e estudos especializados. Seu interesse pelo folclore esteve diretamente ligado ao delineamento do “caráter nacional”, pois para Mário de Andrade, esta seria a parte mais significativa da história de um povo e estaria presente nos elementos folclóricos, isto é, na existência de uma

* ¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Unesp, campus de Franca/ SP. Este trabalho deriva de uma pesquisa maior intitulada “BRASILIDADE E MODERNIDADE: a sensibilidade romântica nos estudos de folclore de Mário de Andrade (1920-1945)”, financiada pela Capes.

memória coletiva, nas lembranças e nos costumes repartidos por um povo. Para traçar o “caráter nacional”, Mário aproxima-se do primitivismo de Graça Aranha e volta-se para a recuperação histórica, para a consciência de um passado, de tradições e antepassados que, quisera ele, os brasileiros possuiriam em comum, de onde brotaria a nossa característica essencial. Tudo isso num esforço de captar a totalidade na imensa diversidade e dotar o país de originalidade, inserindo-se assim no movimento nacionalista de um Modernismo que buscava demarcar, ao mesmo tempo a singularidade e a universalidade do Brasil. Em *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter, Mário de Andrade retrata o personagem principal como a personificação da identidade nacional, da unidade na diversidade. *Macunaíma* é um estudo do folclore brasileiro, pois nele verifica-se

a contribuição folclórica do branco, do preto, do índio, a função modificadora e criadora dos mestiços e dos imigrantes, as lendas, os contos, a paremiologia, as pegadas, os acalantos, a escatologia, as práticas mágicas – da magia branca e da magia negra – todo o folclore brasileiro, enfim, num corte horizontal de mestre. É um mosaico, uma síntese viva e uma biografia humanizada do folclore de nossa terra (FERNANDES, 1946: 150-151).

Sobre o conceito de “folclore”, expressão criada em 1846 pelo arqueólogo e pesquisador inglês da cultura europeia William John Thoms (1803-1885) para designar um campo de estudos até então apontados como “antiguidades populares” ou “sabedoria do povo” – registro de cantos, narrativas, costumes e usos de tempos de outrora, e que vem assumindo outras interpretações ao longo da história por diversas linhas de pensamento, podemos aproximar a concepção tomada por Mário de Andrade à concepção formulada por Renato Almeida, seu correspondente no trato das pesquisas folclóricas, que associa a expressão aos estudos de Etnologia e Antropologia cultural, acrescentando a análise de outros aspectos da vida social e material, como danças e culinária, por exemplo².

No início do século XX, enquanto ainda não existiam as escolas específicas para a formação de folcloristas no Brasil, Mário de Andrade e vários outros de seu tempo dedicavam-se a aprofundar as investigações folclóricas e delimitar o seu campo de pesquisa. Os estudos folclóricos de Mário de Andrade inauguram, juntamente com os de Luciano Gallet, Renato de Almeida e outros, um novo campo de investigações, isto é, a pesquisa e análise do folclore musical. Suas pesquisas são realizadas num momento da história em que

² Estudos sobre folclore no Brasil: breve panorama. Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/docs/200708-estudossobrefolclore.pdf>.

no Brasil se iniciam os trabalhos de especialização na área do folclore. Seus ensaios sobre a música folclórica nacional, no entanto, são publicados quando esta tendência já estava bem marcada e acentuava-se cada vez mais.

Florestan Fernandes mostra-nos Mário de Andrade como o pioneiro nas minuciosas pesquisas de campo e nas publicações bibliográficas de sugestões, hipóteses a comprovar e pistas a seguir para a realização de estudos mais especializados e profundos no campo folclórico. Apesar de suas grandes contribuições para a profissionalização das pesquisas folclóricas, Mário não se julgava um especialista na área, conforme declara em separata do Arquivo Municipal de 1937:

De resto e por infelicidade minha, sempre me quis considerar amador em folclore. Disso derivará serem muito incompletas as minhas observações formadas até agora. O fato de me ter dedicado a colheitas e estudos folclóricos não derivou nunca de uma preocupação científica que eu julgava superior às minhas forças, tempo disponível e outras preocupações. Com minhas colheitas e estudos mais ou menos amadorísticos, só tive em mira conhecer com intimidade a minha gente e proporcionar a poetas e músicos, documentação popular mais farta em que se inspirassem (FERNANDES, apud Mário de Andrade, 1946: 153).

De fato Mário de Andrade jamais possuiu formação científica voltada à especialização folclórica, mas isto não anula sua profunda contribuição para a sistematização dos estudos folclóricos brasileiros. O intelectual, conforme nos mostra sua intensa correspondência, manteve contato direto ou indireto por longo período com grandes folcloristas e especialistas em estudos etnográficos, antropológicos e sociológicos e protagonizou uma série de atividades em prol da institucionalização da pesquisa folclórica, principalmente enquanto esteve no cargo de diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, entre 1935 e 1938.

Em sua *Antologia do Folclore Brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo descreve Mário de Andrade como “grande estudioso do folclore e observador etnográfico insuperável” (CASCUDO, 1971: 627). Destaca os seus feitos em favor do folclore, entre eles a fundação do Departamento de Cultura com a Revista do Arquivo Municipal na prefeitura de São Paulo em 1934; a fundação da Sociedade de Etnografia e Folclore e a realização do primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada em 1937. Ademais das ações citadas por Câmara Cascudo, destaco ainda a inauguração da Discoteca Pública de São Paulo em 1935, dirigida por Oneida Alvarenga; a criação do Curso de Etnografia, ministrado por Dina Lévi-Strauss e a idealização do projeto do SPHAN em 1936 e a coordenação da Missão de Pesquisas

Folclóricas de 1938, dirigida por Luís Saia. Além das diversas publicações de artigos sobre o folclore na Revista do Arquivo Municipal e em outras revistas do período analisado.

Sérgio Miceli na obra *História das Ciências Sociais no Brasil* (volume 1), mostra-nos como o cenário cultural paulista das primeiras décadas do século XX transformava-se num ponto de referência profissional e intelectual, local das rodas em que se discutiam os problemas e projetos culturais para o país. A metropolização do município, a crescente industrialização e a diversidade cultural paulistana, provocada pelas diferentes origens de sua população³, teriam contribuído para “o problema recorrente da procura das origens ou raízes” e para a criação de um verdadeiro “laboratório de brasilidade”. É neste contexto, mais especificamente no ano de 1935, que Mário de Andrade entra em contato com Claude e Dina Lévi-Strauss, jovens professores franceses que vieram a São Paulo pra integrar o corpo docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP)⁴, fundada um ano antes. Um forte vínculo entre os dois especialistas em Ciências Sociais e Mário de Andrade logo foi delineado, entre os anos 1935 e 1938, quando o intelectual dirigiu o Departamento de Cultura de São Paulo, em torno do interesse comum pela arte, pela etnografia e pelo folclore.

No artigo *Sociedade de Etnografia e Folclore* (1936-1939). Modernismo e Antropologia, Marta Amoroso defende que mais do que qualquer outro escritor no século XX, Mário de Andrade teria definido os rumos das políticas culturais no Brasil, no momento em que o país passava por “vertiginosas transformações” nos âmbitos cultural, social, político e econômico. Dentre as proezas de Mário de Andrade em prol do registro do material folclórico brasileiro, Amoroso destaca

Abrir as delegacias de polícia, de lá retirar os assentamentos de candomblé que aguardavam o triste destino das fogueiras, conduzir santos e atabaques – devidamente re-inseridos no contexto simbólico da religiosidade afro-brasileira – a ocuparem o lugar de honra nos museus culturais. Investir nas viagens de campo que aproximavam as populações ameríndias e sua complexa organização sócio-cultural do Brasil culto e modernista, interessado em exata medida tanto no “primitivo” quanto nas vanguardas europeias. Documentar as expressões rituais e festivas das populações sertanejas, do nordeste rural e urbano e rerepresentar tais expressões agora valorizadas como patrimônio nacional para o homem das grandes cidades, este

³ Além do cenário plural relacionado às diversas origens étnicas e culturais que formavam a cidade de São Paulo na primeira metade do século XX, a cidade vivenciava ainda a entrada de constantes fluxos de imigrantes europeus, desde meados do século XIX que vinham trabalhar nas plantações de café e, posteriormente nas indústrias paulistanas.

⁴ A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) hoje é a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo (FFLCH).

que vivia, por sua vez, os efeitos irreversíveis do crescimento populacional e a complexidade das relações trazida com o adensamento da migração e da imigração (AMOROSO, []: 65).

O que Mário de Andrade trazia para os projetos organizados pelo Departamento de Cultura era nada menos do que os desdobramentos de antigos projetos pessoais. Já na década de 1920, época da “virada nacionalista” do Modernismo, Mário se aproxima da Antropologia e da discussão sobre “mentalidade primitiva” tendo em vista a institucionalização das músicas, danças e festas nacionalistas. É nesta década também, mais precisamente em 1927 e 1928 que Mário realiza suas primeiras “viagens etnográficas” registradas em *O Turista Aprendiz*. A partir de então, o autor toma o conceito de folclore associado à dinâmica da sociedade enquanto expressão viva, fruto do contato de culturas, e se afasta da antiga acepção de busca do pitoresco e do exótico. Nesse ínterim, tudo é passível de ser registrado. A investigação das manifestações populares era a combinação de seu engajamento político, de suas preocupações sociais e de uma melancolia romântica de que com os rumos do progressos tais manifestações estariam destinadas ao desaparecimento. Tudo isso sob a égide da redescoberta modernista do país. O projeto de compreensão do “caráter nacional” empreendido pelo Departamento de Cultura de São Paulo sob a direção de Mário de Andrade contou a inestimável parceria das Ciências Sociais, como a antropologia, a sociologia e a etnografia, que se institucionalizavam no país naquele momento. Em 1935, Mário de Andrade convidou Dina Lévi-Strauss (1911-1989), etnóloga e antropóloga para ministrar o Curso de Etnografia, com a intenção de capacitar jovens pesquisadores para a coleta do material folclórico nacional⁵. Em suas aulas, Dina alertava os futuros pesquisadores para a urgência de se realizar no Brasil um estudo da cultura material e imaterial do seu povo e orientava seus alunos sobre a maneira correta de registro e catalogação da cultura folclórica. Seus ensinamentos seriam seguidos à risca pelos moços pesquisadores da Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938.

Sobre a questão da etnografia, conceito que circulava por um grupo eclético formado por professores e alunos dos recém-criados cursos de Ciências Sociais em São Paulo, profissionais liberais e funcionários do Departamento de Cultura de São Paulo, segundo nos

⁵ O curso ministrado por Dina Lévi-Strauss se dirigia aos funcionários do Departamento de Cultura, alunos da USP, da Escola de Sociologia e Política e a todos os interessados “na realidade nacional, amantes de nossa gente e suas tradições”.

informa Igor Melo Diniz em *Os Estudos de Folclore e as Ciências Sociais no Brasil* (1930-1940), Mário de Andrade fala sobre sua importância na parceria com os estudos folclóricos, na inauguração do Curso de Etnografia, em abril de 1936.

Não foi ao acaso que escolhemos a Etnografia, ela se impôs. Quem quer que, mesmo diletantemente como eu, se dedique a estudos etnográficos e procure na bibliografia brasileira o conhecimento da formação cultural do nosso povo, muitas vezes desanima, pensativo, diante da facilidade, da leviandade detestável, da ausência, muitas vezes total, de orientação científica, que domina a pseudo-etnografia brasileira (...). E é principalmente nisto, na colheita da documentação popular que a enorme maioria dos nossos livros etnográficos é falsa (...) Colher, colher cientificamente nossos costumes, nossas tradições populares, nossos caracteres raciais, esta deve ser a palavra de ordem dos nossos estudos etnográficos; e num sentido eminentemente prático vão se orientar os trabalhos deste Curso de Etnografia. (AMOROSO, []: 6).

Do encerramento do Curso de Etnografia⁶, nasce em 1936, para homenagear a professora Dina Lévi-Strauss, o Clube de Etnografia, depois chamado de Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF), idealizada e dirigida entre 1936 e 1938 por Mário de Andrade, com o apoio do casal Lévi-Strauss e de Artur Ramos. A SEF teve curto período de existência – entre 1936 e 1939 – entretanto, realizou ações significativas para a maior visibilidade dos estudos folclóricos. Criada, de acordo com Mário de Andrade, pela necessidade de aprimoramento técnico de pesquisadores e museus brasileiros, além de buscar promover e divulgar estudos etnográficos, antropológicos e folclóricos, integrava a SEF um eclético grupo de professores e alunos dos recém-criados cursos de Ciências Sociais da USP, profissionais liberais e funcionários ligados ao Departamento de Cultura de São Paulo. Entre as ações promovidas pela SEF em prol da institucionalização do folclore nacional, estão a apresentação do trabalho “Mapas Folclóricos” no Congresso Internacional de Paris em 1937; as publicações periódicas da Seção “Arquivo Etnográfico” da Revista do Arquivo Municipal, dedicada ao maior conhecimento do povo brasileiro⁷ e o lançamento de um boletim de periodicidade mensal até sua extinção em 1939, quando Mário de Andrade deixa a direção da Sociedade.

A SEF também participou da idealização da Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938 por intermédio da coordenação de Mário de Andrade e de Luís Saia, ex-aluno do Curso de

⁶ O curso teve duração de 6 meses.

⁷ A sessão “Arquivo Etnográfico” foi dedicada ao maior conhecimento do povo brasileiro. Os questionários produzidos para as pesquisas a serem feitas tinham por meta as “Cartas das Manifestações Folclóricas do Estado de São Paulo”, apresentadas posteriormente no Congresso Internacional de Folclore de Paris.

Etnografia e diretor da Missão. A Missão foi enviada pelo Departamento de Cultura ao Norte e Nordeste do país para recolher documentos, textos, indumentárias, filmes e fotografias da cultura popular local⁸. O material coletado e registrado pela Missão de Pesquisas Folclóricas é abrigado pela Discoteca Oneida Alvarenga, presente no Centro Cultural São Paulo.

Com a instauração do Estado Novo (1937-1945), várias mudanças ocorriam no Departamento de Cultura de São Paulo, tomando por base a própria demissão de Mário de Andrade do Departamento em 1938, e conseqüentemente várias dissoluções na Sociedade de Etnografia e Folclore. O sétimo e último número do Boletim, em janeiro de 1939, seria restrito apenas a informações de acontecimentos da SEF ocorridos no ano anterior. Quando sai do Departamento de Cultura, Mário de Andrade se muda para o Rio de Janeiro e passa a trabalhar junto ao Instituto Nacional do Livro, entidade dirigida por Augusto Meyer, mas não deixa de contribuir com seus projetos de institucionalização folclórica, como a Missão de Pesquisas Folclóricas, a Discoteca Pública Municipal, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), e até mesmo é consultado para sugestão de nova diretoria para a SEF, tudo isto passível de ser observado em suas correspondências com Luís Saia, Oneida Alvarenga e Rodrigo Melo Franco de Andrade.

No Brasil, o reconhecimento da necessidade de proteger o patrimônio histórico e artístico vem desde o Romantismo, de onde destacamos a figura de Silvío Romero, e torna-se mais latente a partir dos anos 1920, ano de diversas iniciativas locais e individuais, como as próprias viagens etnográficas de Mário de Andrade ao Norte e ao Nordeste do Brasil. Nos anos 1930, com a aproximação com a Antropologia, com a Sociologia e com a Etnografia, a questão da cientificidade do folclore era cada vez mais uma preocupação entre os folcloristas do período como Mário de Andrade, Câmara Cascudo e Renato Almeida. Em 1936, Mário de Andrade é solicitado pelo governo vigente a preparar o esboço de uma instituição nacional de proteção ao patrimônio. O decreto de criação do SPHAN definia o patrimônio histórico e artístico nacional como

o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja do interesse público quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou

⁸ A Missão de Pesquisas Folclóricas contava com 4 membros, sendo eles Luis Saia, folclorista, ex-aluno do Curso de Etnografia e membro da SEF; Martin Braunwieser, músico; Benedito Pacheco, técnico de gravação e Antonio Ladeira, auxiliar.

artístico (SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL).

Eram também classificados como patrimônio "monumentos naturais, bem como sítios e paisagens que importem conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana" (SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL).

A respeito do SPHAN, este esteve subordinado ao Ministério da Educação e, entre 1937 e 1969, sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969), com quem Mário contribuiu intelectual e profissionalmente até o ano de sua morte e manteve intensa correspondência desde que elaborou o anteprojeto de criação do hoje denominado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O projeto original de Mário de Andrade recebeu modificações significativas pela política nacionalista centralizadora varguista do Estado Novo e pela orientação de Rodrigo Melo Franco de Andrade ao longo dos mais de trinta anos em que esteve à frente do Instituto. Os bens culturais classificados como patrimônio possuíam a responsabilidade de fazer a mediação entre os heróis nacionais, os personagens históricos, os brasileiros de ontem e os de hoje. Essa apropriação com o passado era concebida como um instrumento para educar a população a respeito da unidade e permanência da nação.

Sobre as correspondências trocadas entre Mário de Andrade e os grandes nomes do folclore e das ciências sociais entre 1920 e 1945, estas suscitam problemáticas acerca das mentalidades, ideologias e vínculos que circulavam no período de empreitada folclórica de nosso autor. Refletem a intensa sociabilidade intelectual da vanguarda brasileira, testemunhando projetos artísticos, debates políticos e culturais de grande amplitude, dentre eles, o de institucionalização das pesquisas folclóricas. Isso é possível perceber, pois uma carta deve ser tomada dentro de um contexto histórico e cultural específico, para ser compreendida de maneira mais abrangente.

Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) circula entre os principais correspondentes de Mário de Andrade no debate da temática do folclore. Em sua obra *Contos Tradicionais do Brasil* diz que

Nenhuma ciência como o Folclore possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no Homem, da tradição e do milênio na Atualidade, do heroico no cotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo" (CASCUDO, 1986: 15)

O principal responsável por tornar conhecidas figuras fantásticas do folclore brasileiro, defendia a existência de uma etnia brasileira, miscigenada, rica por si mesma e queria conhecer a fundo o que era “realmente nosso”. Seu caderninho de notas tornou-se o mais importante registro do folclore: *O Dicionário do Folclore Brasileiro*, de 1954. Especializou-se em etnografia e no folclore, embora tivesse predileção pela História e Geografia, especialmente do Rio Grande do Norte, onde passou a vida atuando como professor na Universidade Federal (UFRN), e foi homenageado pelo Instituto de Antropologia que recebeu o seu nome. Em *Folclore do Brasil*, Câmara Cascudo defende sua concepção de folclore, dizendo que

Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o FOLCLORE (CASCUDO, 1967: 7).

Na mesma obra, Luís da Câmara Cascudo diz que o folclore permanece no tempo e no espaço e que nenhum desenvolvimento industrial pode anulá-lo, mas sim pode fazer nascer outro. Para o folclorista é um equívoco dizer que a máquina asfixia o folclore, pois o folclore é mantido pela mentalidade do homem e não determinado pelo material manejado. Ideia que Mário de Andrade discordaria, levando em consideração que toda a sua postura em favor do registro da cultura folclórica foi embasada pela “retórica da perda”, pelo sentimento de que o desenvolvimento do progresso estava fazendo desaparecer esta cultura popular, as tradições e costumes folclóricos do povo brasileiro.

Para Câmara Cascudo o folclore está presente nas músicas, nos móveis, nos utensílios domésticos, nos trajes, na culinária, nas festas, nas bebidas, sempre acrescido de componentes do tempo em que se perpetua. Dizia o autor que “nascemos e vivemos mergulhados na cultura da nossa família, dos amigos, das relações mais contínuas e íntimas, do nosso mundo afetivo” (CASCUDO, 1967: 18). Este é um lado da cultura, o folclore. O outro lado consiste na cultura letrada. Os dois juntos formam a vida social. O folclorista reconhece a importância da história, da etnografia e da arqueologia na tarefa de revelar a riqueza de nossos costumes, formados pela convergência de vários povos. Sobre os critérios que constituem o fato folclórico, Luís da Câmara Cascudo concorda com o que foi defendido pela Sociedade Brasileira de Folklore de 1941, isto é, para que constitua um fato folclórico, a manifestação

artística ou cultural deve carregar em si a antiguidade, o anonimato, a divulgação e a persistência.

Já em *Antologia do Folclore Brasileiro*, Câmara Cascudo percorre o longo caminho do folclore brasileiro que vai desde os seus precursores até os tempos da escrita da obra, em 1944, quando se pensa cientificamente o que são e como se formam as atitudes e condutas populares. O autor destaca que o folclore já é de interesse do Romantismo desde antes dos séculos XVIII e XIX. Mas é no século XX, com o Modernismo e com o desenvolvimento no Brasil da Antropologia e das Ciências Sociais que se compreende que o folclore é uma ciência da psicologia coletiva, com seus processos de pesquisa, seus métodos de classificação, sua finalidade em psiquiatria, educação, história, sociologia, antropologia, administração, política e religião. Sobre a relação do folclore com a construção da identidade nacional, o autor destaca que quando esta é colocada em questão, passa-se, então, a dar ao povo um valor que ainda não tinha sido observado. Começa-se a estimar o seu comportamento, e observar com afincos suas festas, seus hábitos e costumes, suas crenças e superstições. Com isso chega-se a conclusão estupenda de que o povo traz consigo todo um patrimônio de cultura de grande importância para a vida social. Este exato caminho era trilhado por Mário de Andrade na tarefa de cristalizar uma identidade nacional pautada no folclore e na cultura popular.

Em *Os sentidos da etnografia em Câmara Cascudo e Mário de Andrade*, Marta Amoroso descreve a amizade que os dois intelectuais mantiveram por vinte anos pessoalmente e através da troca de correspondências. A autora também lança o debate sobre as vias de conhecimento da identidade do povo brasileiro e como os intelectuais se aproximavam da pesquisa etnográfica nesta empreitada. A aproximação entre o que chamamos de “modernismo romântico” com a antropologia nas primeiras décadas do século XX, também é objeto de análise de Amoroso neste artigo.

As correspondências trocadas por Mário de Andrade e Câmara Cascudo discorrem sobre a urgência da pesquisa da cultura e dos costumes brasileiros, em especial nas regiões Norte e Nordeste. Para ambos os autores, a etnografia e o folclore constituíam o melhor caminho para o registro e preservação da cultura deste povo. Apesar das diferenças em seus projetos nacionalistas, Mário de Andrade e Câmara Cascudo convergem sobre a necessidade do registro das pesquisas folclóricas em um tempo onde a modernização era devastadora.

As cartas nos mostram os bastidores da construção do Brasil pelos modernistas e viabilizam a compreensão de que tanto Mário de Andrade como Luís da Câmara Cascudo buscavam uma definição de brasilidade pautada não nas particularidades regionais, mas na totalidade e unicidade do Brasil como um grande estrangeiro dentro do continente sul americano. Mário de Andrade, em particular, era contrário aos projetos regionalistas, pois estes iriam contra a essência nacional que tanto almejava. Para tanto, enquadrava as diversas manifestações artísticas regionais como pertencentes a um todo nacional, unitário e singular. Para Mário de Andrade, conceber o país de forma total e unitária era uma maneira de afirmar sua singularidade nacional. Sobre isso, dizia ele

(...) Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que tentei me abraçar e trabalhar o material brasileiro. Tenho muito medo de ficar regionalista e me exotizar pro resto do Brasil (AMOROSO, apud Mário de Andrade, 2010: 3).

Entre os folcloristas e cientistas sociais com quem Mário de Andrade manteve contato também está o francês Roger Bastide (1898-1974), que em 1938 ocupou a cátedra de Sociologia da USP de São Paulo. Estudioso das religiões afro-americanas, concebe o folclore a partir da acepção sociológica europeia e sul americana, como a cultura inteira do ‘folk’, do povo, englobando costumes, festas, lendas, provérbios, etc, e não no sentido restrito de ‘tradição oral’ dado pelos norte americanos. Em *Sociologia do Folclore Brasileiro*, Bastide defende que é preciso associar o folclore à sociologia, pois “o folclore não flutua no ar, só existe encarnado numa sociedade, e estudá-lo sem levar em conta essa sociedade é condenar-se a apreender-lhe apenas a superfície” (BASTIDE, 1959: 7). Como está estritamente relacionado a uma sociedade, o folclore pode não sobreviver quando certas formas de sociabilidade desaparecem. O que acontece no regime materialista da modernidade, é que o folclore vai desaparecendo quando os vínculos sociais tradicionais são substituídos pelos vínculos materiais. Neste caso, faz-se necessário um trabalho de pesquisa e sistematização da cultura folclórica como o organizado por Mário de Andrade para a preservação da mesma.

Para Roger Bastide, a valorização dos estudos folclóricos está ligada ao patriotismo, constituindo o folclore um elemento básico do sentimento nacional. Toda reação de países subjugados começa pela restauração de costumes populares. Além disso, o folclore carrega consigo sempre a nostalgia de algo que foi perdido ou está para se perder. A memória coletiva

pode cair no esquecimento pela ausência de substratos materiais que possam prender as recordações que se rompem dos quadros sociais de memória pela dispersão da comunidade em ilhas de indivíduos isolados. A memória de um grupo só funciona com a cooperação de todos os membros, cada um trazendo consigo suas lembranças, lembranças que se completam mutuamente e que são evocadas quando os homens se encontram uns com os outros. Numa sociedade de rápida e intensa individualização, o Estado e os intelectuais ligados a ele trabalham para gerar no povo o sentimento de pertencimento através do resgate e estruturação da cultura popular ou folclórica.

Quando se trata de folclore, o envolvimento de Mário de Andrade na tradição filosófica romântica é evidente. A aspiração à totalidade nos estudos folclóricos é inseparável de uma irremediável nostalgia, pois a totalidade almejada ou está perdida ou a ponto de perder-se no mundo moderno. Neste sentido, os estudos de folclore do intelectual manifestam-se pela "retórica da perda" (CAVALCANTI, 2004: 59). A cultura popular apresenta-se como valorização do primitivo, num confronto de identidade e alteridade entre grupos humanos distintos, ou seja, o 'eu civilizado' e o 'outro primitivo'. Na busca pelo primitivo encontra-se a ideia romântica de que a originalidade da cultura brasileira está nas criações artísticas populares. O folclore é tomado como um amuleto nacional, ameaçado a perder-se pelos tempos modernos. O encontro entre o pesquisador civilizado e o povo primitivo aguça ainda mais o sentimento de perda.

Em conclusão, podemos dizer que os estudos folclóricos de Mário de Andrade possuem diferentes e imbricadas motivações: desejo de conhecimento de formas artísticas próprias, autênticas do povo brasileiro; experimentação da etnografia como experiência de contato direto com o povo; busca de processos criativos para utilização em sua própria arte; e busca de um novo nacionalismo cultural. Márcia Naxara em seu artigo *Pertencimento e Alteridade: Romance e Formação – Leituras de Brasil*, discorre que no Brasil do século XIX e primeira metade do século XX circulava entre a sensibilidade romântica e posteriormente entre os “modernistas românticos”⁹ a ideia de “incompletude”, de um Brasil em contínua formação que por sua imensa extensão e diversidade era tido como cheio de potenciais inexplorados e por conhecer (NAXARA, 2009: 251). Mário de Andrade, nesse sentido, teria sentido a urgência de se conhecer o Brasil de uma vez por todas e delimitar as suas

⁹ Expressão de Daniel Faria em *O mito modernista*.

características, consideradas por ele, essenciais para a construção de uma identidade nacional dotada de totalidade. O intelectual buscou no folclore formas expressivas capazes de provocar identificações e emoções genuínas, além de buscar sua ancestralidade, sua universalidade e a sua brasilidade. O avanço da civilização e do progresso ameaçava a decadência das manifestações artísticas folclóricas, sobreviventes apenas no Norte e no Nordeste. Mário de Andrade dizia que "da maneira como as coisas vão indo, a sentença é de morte" (CAVALCANTI, apud Mário de Andrade, 2004: 61). Por isso era tão urgente para o intelectual o reconhecimento e a sistematização da cultura popular. O sentimento de nostalgia em relação ao folclore brasileiro seria expresso por vários brasileiros afetados pelo "pessimismo com relação aos tempos atuais". O movimento de "proteção ao folclore", dessa maneira, aconteceu para tentar evitar o desaparecimento iminente das práticas tradicionais do povo.

Referências Bibliográficas

AMOROSO, Marta. *Os sentidos da etnografia em Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1ª ed. São Paulo: Global, 2010.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O Herói sem nenhum caráter. 16. ed. São Paulo: Martins, 1978.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura Popular Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1973.

BASTIDE, Roger. *Sociologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Anhambi, 1959.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Martins, 1971.

_____. *Contos Tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

_____. *Folclore do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1967.

Catálogo da série Correspondências de Mário de Andrade. CD-Rom. Instituto de Estudos Brasileiros e Universidade de São Paulo.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Cultura popular e sensibilidade romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade*. v.19, n. 54. RBCS, 2004.

DINIZ, Igor Melo. *Os Estudos de Folclore e as Ciências Sociais no Brasil*. vol.8, n.2 Revista Habitus, IFCS/ UFRJ, 2010.

Diretrizes do Estado Novo (1937-1945). *Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/SPHAN>. Acessado em 20 de setembro de 2014.

FARIA, Daniel. *O Mito Modernista*. Uberlândia: Edufu, 2006.

FERNANDES, Florestan. *Mário de Andrade e o folclore brasileiro*. Transcrito da Revista do Arquivo Municipal, ano 12, vol.106. São Paulo: DPH, 1946.

MICELI, Sérgio. (Org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

MORAES, Marcos Antonio de. *Edição da Correspondência Reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos*. v.4, n. 2. FCLAs, Unesp, Cedap, 2009.

NAXARA, Márcia. *Pertencimento e Alteridade*. Romance e Formação – Leituras de Brasi. In: NAXARA, Márcia (et. al) (orgs.) *Figurações do outro*. Uberlândia: Edufu, 2009.

RAMOS, Artur. *Estudos de Folclore*. C.E.B., Rio de Janeiro, 1952.

_____. *Introdução à antropologia brasileira*. C.E.B., Rio de Janeiro, 1947.

_____. *O folclore negro do Brasil*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1935.

RIBEIRO, Joaquim. *Folklore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.